

TRANSDISCIPLINARIDADE E ANÁLISE DE DISCURSO: MIGRANTES EM SITUAÇÃO DE RUA

*(Transdisciplinarity and Discourse Analysis: homeless
Brazilian migrants)*

Maria José Coracini¹

(Universidade de Campinas – UNICAMP)

ABSTRACT

This paper intends, firstly, to present our perspective about the relationship between transdisciplinarity and discourse analysis, arguing for a theoretical heterogeneity: theories of discourse (mainly Foucault), deconstruction (Derrida) and psychoanalysis (Lacan). Secondly, to present some results of a research about homeless Brazilian migrants – people from other regions living in the State of São Paulo. We are interested in understanding some of their representations about themselves and about the other. Among other things, the discourse of the victim and some values of their past are present in their speech, pointing, at the same time, a tendency of inactivity, and of remaining rocked in hopes, in spite of being disregarded by the hegemonic society.

Keywords: *transdisciplinarity, discourse analysis, subjectivity, identity, representations.*

RESUMO

Este texto pretende, primeiro, apresentar nossa perspectiva sobre a relação entre transdisciplinaridade e análise de discurso, argumentando a favor da heterogeneidade teórica: teorias do discurso (principalmente Foucault), desconstrução (Derrida) e psicanálise (Lacan). Segundo, ligar essa heterogeneidade a alguns resultados de uma pesquisa sobre migrantes brasileiros

1. Doutora em Ciência: Lingüística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1988), Livre Docente (2000) e professora titular (2007) m Lingüística Aplicada na Área de Ensino/Aprendizagem de Língua Estrangeira pela Unicamp, onde exerce atividades de docência, pesquisa e extensão. Membro do Grupo Brasileiro de Estudos de Discurso, Pobreza e Identidades (REDLAD).

em situação de rua – pessoas de outras regiões que vivem no Estado de São Paulo. Interessamo-nos em compreender algumas de suas representações sobre si próprios e sobre o outro. Dentre outros, o discurso da vítima e alguns valores de seu passado se fazem presentes em sua fala, o que aponta, ao mesmo tempo, para uma tendência à inatividade e à manutenção de esperanças, apesar de serem excluídos pela sociedade hegemônica.

Palavras-chave: *transdisciplinaridade, análise de discurso, subjetividade, identidade, representações.*

Introdução

Inserido numa pesquisa apoiada pelo CNPq e no grupo de pesquisa REDLAD, registrado junto ao CNPq (Brasil), sob a coordenação geral da Profa. Denize Elena Garcia da Silva, este texto pretende, num primeiro momento, trazer à baila uma discussão recente a respeito da transdisciplinaridade numa vertente de análise de discurso, praticada no Brasil, híbrida por natureza, por se situar, do ponto de vista teórico, entre áreas do conhecimento que se cruzam sem se superporem, distinguem-se sem serem inteiramente distintas – teorias do discurso de orientação francesa, filosofia e psicanálise de orientação lacaniana. Num segundo momento, pretende-se trazer recortes extraídos de narrativas de si de pessoas em situação de rua, na cidade de Campinas, Estado de São Paulo, de modo a explicitar algumas representações de si e do outro e, ao mesmo tempo, mostrar como essa base teórica vem sendo colocada em prática.

2. Transdisciplinaridade e análise de discurso

As Análises de Discurso em geral são por natureza transdisciplinares, isto é, originaram-se da confluência de teorias oriundas de outras disciplinas ou áreas do conhecimento. Basta lembrarmos que a escola francesa de análise do discurso, que tem em Michel Pêcheux seu fundador, apóia-se em três pilares básicos:

linguística estruturalista, para a análise da materialidade linguística, materialismo histórico, para a compreensão da ideologia, em sua vertente marxista, como luta de classes, e psicanálise de orientação freudiana, para a concepção de sujeito descentrado, caracterizado por dois esquecimentos ou ilusões, que poderíamos sintetizar assim: em nível consciente, o sujeito se esquece de que não é a origem do dizer, isto é, de que o seu dizer se constitui de inúmeras vozes precedentes, apontando para o que Foucault denomina o já-dito; o segundo esquecimento diz respeito à ilusão do sujeito de que escolhe tão bem os argumentos, os enunciados, as palavras que o sentido de seu dizer é compreendido por todos da mesma maneira, isto é, o sujeito se esquece, em nível consciente, de que não controla os efeitos de seu dizer, de que o que o interlocutor compreende depende diretamente da situação de enunciação, da formação discursiva em que se insere, de sua vivência.

Sabemos que outras teorias de discurso são igualmente transdisciplinares: por exemplo, a Análise de Discurso Crítica (ADC), que se apoia em Norman Fairclough, que, por sua vez, traz à baila os trabalhos de Halliday e de estudiosos da área das Ciências Sociais, além de filósofos como Pêcheux e Foucault, ainda que seja para tecer críticas e propor alternativas teórico-analíticas. Daí podermos afirmar que a Análise de Discurso, em geral, encontra-se no espaço incômodo do entre – entre linguagem e social.

Além do mais, cada discurso ou cada texto a ser analisado – materialização linguística que faz parte do discurso ou formação discursiva (Foucault, 1969), ou melhor dizendo, discurso em formação, que se constitui por regularidades e dispersões (heterogeneidade), produto de convenções sociais ou acordos tácitos –, orientado pelos objetivos da pesquisa, exige que diferentes disciplinas ou áreas do conhecimento sejam mobilizadas. Mas, é preciso dizer que não se trata de recorrer a outras disciplinas, menos ainda de nos servirmos, enquanto analistas de discurso, de cada uma tomando-as na sua integralidade, como pretende uma certa interdisciplinaridade, sem atentar para a impossibilidade de tal empreendimento, mas de puxar os fios de que necessitamos, para, com eles, tecermos a teia de nossa rede teórica, transformando, assim, esses fios, ao mesmo tempo

em que nosso olhar é por eles transformado. São esses fios que nos ajudarão a analisar a materialidade linguística.

Assim, um *corpus* de sala de aula, que se insere, portanto, no discurso pedagógico, poderá demandar do analista que busque apoio em certas vertentes da área da Educação ou da psicologia; um *corpus* extraído de certo discurso científico, muito provavelmente, necessitará de alguns conhecimentos da epistemologia para analisar adequadamente; um *corpus* constituído por narrativas de internautas recorrerá a textos sobre a virtualidade e/ou sobre pós-modernidade e/ou sobre a psicanálise para melhor compreender as condições de produção daquele dizer.

Entretanto, do ponto de vista por nós adotado, é preciso que alguns aspectos sejam respeitados, ou melhor, que noções como as de sujeito e linguagem, assumidas por cada disciplina, não sejam incompatíveis entre si, isto é, não nos parece possível tomar como base teórica uma disciplina cuja noção de sujeito cartesiano, centrado no logos, na razão, combinado com uma visão de linguagem transparente – o que se diz é o que se pensa e o que se pensa pode ser entendido por todos de maneira semelhante – e, ao mesmo tempo, servir-se de outra disciplina que postula o sujeito descentrado, heterogêneo, cujos efeitos de sentido são imprevisíveis, porque o inconsciente daquele que fala ou escreve e daquele que ouve ou lê atuam de modo incontrolável e incontornável; a esta visão de sujeito se alia uma visão de linguagem, desta vez, opaca, cujos sentidos independem das intenções conscientes daquele que fala ou escreve e até mesmo daquele que ouve ou lê. O que não significa que, para a análise de aspectos pontuais do *corpus*, não se possa, vez por outra, puxar um ou outro fio de outros saberes, de outras disciplinas, ainda que persista alguma incompatibilidade teórica quanto às noções por nós indicadas, desde que não constituam a base teórica adotada.

No caso particular da pesquisa em andamento, a respeito dos chamados moradores de rua, da qual serão apresentados alguns resultados a seguir, fios de teorias de discurso, da psicanálise lacaniana, de certos trabalhos em ciências sociais e da desconstrução derrideana se cruzam, entrelaçam-se (sem se com-fundirem), de modo a permitir

uma melhor compreensão das representações que subjazem aos relatos de indivíduos em situação de rua, os chamados moradores de rua, como eles próprios, frequentemente, se denominam.

Antes, porém, de trazer alguns recortes desses relatos, é preciso lembrar que nos interessa rastrear no dizer efeitos de sentido possíveis, que apontam para o funcionamento do discurso, inscrito num dado momento histórico-social, num dado contexto situacional (ou situação de enunciação) – respectivamente, condições de produção amplas e restritas. Atentar para o funcionamento do discurso significa buscar no fio do dizer regularidades que apontam para a dispersão, para a heterogeneidade, para aquilo que não pode ser capturado na simplicidade do UM. Não existe UM sentido, a não ser numa dada circunstância de interpretação, que é sempre produção de sentido; não existe UM autor, a não ser como função jurídica, para, com sua assinatura, responsabilizar-se pelo que está escrito; não existe UM discurso, já que todos são atravessados por outros discursos, assim como não existe UM sujeito, pois este é efeito do assujeitamento à linguagem, que, por ser porosa, permite que fagulhas do inconsciente, do que recalamos, porque não “queremos” lembrar para não sofrer, manifestem-se no dizer, sob a forma de atos falhos, chistes, sonhos, sintomas, que estão fora do nosso controle, porque advêm sem que nos demos conta, provocando efeitos de sentido inesperados e, não raro, indesejáveis.

Sujeito, portanto, do inconsciente, é também denominado por Lacan (1964 [1998] sujeito do desejo, desejo que resulta da castração, da impossibilidade de gozar, da necessidade de se submeter à lei, às regras, aos valores do grupo social no qual se inscreve, transmitidas ao bebê desde o nascimento, como condição para viver em sociedade.

Explicando melhor: nos registros que analisamos para este texto, é facilmente perceptível o dizer de outros ou dizeres outros que atravessam o fio das narrativas de nossos entrevistados, relato de um passado que se faz presente. Senão vejamos.

S1 - [...] mas o descrédito é: a: a: a dificuldade da / reintegração à sociedade que essas pessoas têm / então a:

dificuldade é reintegrá-las à sociedade / de uma forma digna da forma que elas precisam / sem discriminação: abrindo realmente se você abrir um espaço abrindo um espaço dando crédito sabe dando o apoio dando é aquela necessidade de que você faz a sua parte (E1)

Como frequentemente ocorre, E1 se refere aos colegas, afastando-se, assim, do que enuncia, mas, como falar do outro é, de certo modo, falar de si, acreditamos que é também de si que está falando, através de uma linguagem que, com certeza, tomou do outro, de conversas com o pessoal de ONGs, de abrigos da prefeitura ou de outros – rádio, transeuntes que passam nas ruas de Campinas (SP)... Isso talvez explique a repetição, as hesitações reiteradas, na busca de palavras que correspondam, parece-me, à imagem que E1 quer construir de si no entrevistador. É ao menos o efeito de sentido que S1 provoca em mim.

Considerando que a identidade resulta das representações ou imagens que cada um faz de si e do outro e que essas representações partem sempre do outro, pois nos vemos através do olhar do outro – outro amigo, outro família, outro professor, outro livros etc. –, torna-se fácil perceber a razão pela qual os sujeitos-migrantes, que vêem seus sonhos desfeitos, se depreciam, se drogam, se anulam, já que são desprezados, rejeitados, marginalizados pela sociedade hegemônica e, ao mesmo tempo, guardam a esperança de mudança, de socorro, razão pela qual continuam vivendo. Mas, como o que chamamos de identidade não passa de ilusão de totalidade e de permanência (lt. *Idem* = mesmo), pois mudamos a cada momento, preferimos, seguindo Derrida (...), usar o termo “ipseidade” (lt. *ipse* = si) para falar dessa relação consigo mesmo. Essa ipseidade permite flagrar, no dizer, pontos de identificação com o outro: traços no sujeito que se identificam com traços do/no outro.

Mas, é exatamente nas falhas, nas brechas da linguagem, que é porosa, que o analista de discurso pode atuar, não para desvendar o que está escondido, o que está nas entrelinhas, mas para problematizar o que é dito, questionar o que parece óbvio, o que se naturalizou

como consequência do trabalho ideológico ou das relações de poder, para usar uma noção foucaultiana. Poder, que não se confunde com luta de classes, com despotismo ou dominação, mas que, disseminado em todas as camadas da sociedade, funciona como condição para qualquer relação social. O poder, de que fala Foucault, só existe se houver a possibilidade de resistência. No caso dos migrantes em situação de rua, é possível perceber o poder da ordem do discurso das classes hegemônicas agindo sobre eles, na linguagem, na auto-desvalorização em função dos valores que ainda preservam ou que conservam como garantia de uma identidade perdida, apagada, ou como resistência a uma vida sem sentido e desprovida de valores.

E essa mesma sociedade, em vez de hospedar os que vêm de outras regiões do Brasil na esperança de encontrarem um lugar que lhes possibilite uma vida mais digna, os hostiliza “Eles não gostam de trecheiro [...] trecheiro é turma de rua [...] roda de baiano / de paraense / de nordestino [...]” (E5). E, se não os hostiliza, trata-os com uma piedade que os anula: “Ah tem uns povo que tem dó [...] coitadinho / mas tem outros que passa aí ó /vagabundo aí / bêbado [...]”.

Se, por um lado, é possível vislumbrar em E5 uma aceitação paralisante da piedade alheia, por outro, faz emergir a pergunta: onde está, então, a hospitalidade? Derrida (1997) define hospitalidade como direito do estrangeiro, do estranho, quando chega ao território de um outro, de não ser tratado por ele como inimigo. Afirma, ainda, que a hospitalidade é uma questão de ética, mas não se trata da ética da hospitalidade, já que

a hospitalidade é a própria cultura e não uma ética dentre outras. Na medida em que toca o *ethos*, a saber à estadia, à própria casa, ao lugar de permanência familiar, tanto quanto à maneira de aí estar, à maneira de se dirigir a si e aos outros, aos outros como aos seus ou como aos estrangeiros, a ética é hospitalidade, ela é de lado a lado co-extensiva à experiência da hospitalidade, de qualquer modo que se abra ou a limite” (Derrida, 1997: 42)²

2. Tradução minha.

Ora, apesar disso, a hospitalidade incondicional, que promete a inclusão do forasteiro (do que vem de fora, de outro lugar), do que é cultural e linguisticamente diferente, parece impossível numa sociedade individualista, como a nossa – apesar da fama de hospitaleiros de que gozam os brasileiros –, regida por leis que, cada vez mais, restringem a presença de estranhos indesejáveis, estabelecendo regras para a sua entrada e permanência, apesar de se falar em globalização e em inclusão. Assim, a hospitalidade – termo que tem na raiz sentidos que oscilam entre os opostos (*hospes* e *hostes*) – carrega o sentido de acolhimento (hospital, hospício, hospedagem, hóspede, hospedeiro etc.) e, ao mesmo tempo, o sentido de hostilidade (da mesma raiz, *hostis*, temos hostil, hostilidade, mas também hotelaria, hotel). Ao migrante, seria oferecida a “hostipitalidade”, neologismo derrideano, que une, sem unir, hospitalidade e hostilidade: ao mesmo tempo que se acolhe, se hostiliza o diferente, o estranho, o estrangeiro que traz consigo diferenças lingüístico-culturais, perturbadoras da ordem dos discursos vigentes na sociedade que acolhe sem acolher, que protege sem proteger. E isso ocorre mesmo para e no povo brasileiro que goza da fama de hospitaleiro: de fato, os estrangeiros de países de primeiro mundo ou os migrantes mais abonados recebem um tratamento privilegiado, enquanto que aqueles que precisam de atenção e cuidados, são, com frequência hostilizados. Seja como for, a hospitalidade se imbrica sempre e inevitavelmente com a hostilidade, mais fortemente ainda se as diferenças forem mais flagrantes, tornando-se insuportáveis.

Citando Hanna Arendt (1984: 239sg.), a respeito das diferenças entre a recepção de imigrantes anônimos ou célebres, Derrida (1997: 39) afirma: “[...] é certo que as chances do refugiado célebre são maiores, assim como um cão que tem um nome tem mais chances de sobreviver do que um cão errante que seria apenas um cão em geral”, nós diríamos, um simples vira-lata. Se isso ocorre com as leis de imigração, com a migração (deslocamento dentro de um mesmo país) não parece ser diferente, apesar de não haver leis formalizadas. Talvez, por isso mesmo, causem a ilusão de um acolhimento incondicional; afinal, em tese, têm todos a mesma nacionalidade, a “mesma língua-cultura”, sejam pobres ou ricos. Mas, essa ilusão

de igualdade, respaldada pela regra de direito ou moral, camufla a desigualdade de tratamento e de possibilidades de uma vida digna, com direito à educação, saúde, moradia. E essa é a maior responsável pela frustração, que advém do fracasso e da desilusão, sobretudo dos mais carentes, oriundos do campo ou de regiões pobres do país, sem dinheiro e sem teto.

3. Representações de si, do outro, do outro de si

A desigualdade a que nos referimos se manifesta nas várias peles³, que deveriam nos proteger, mas que, não raro, se rasgam, esgarçando as fronteiras entre o dentro e o fora. Inspirada, assim, no curta-metragem *O zero não é vazio*, a respeito dos pobres na cidade de São Paulo, escolhemos para trabalhar, neste texto, três delas: a epiderme (o corpo), a casa, o eu e o outro.

3.1 A epiderme

Camada mais superficial da pele, a epiderme traz consigo o corpo, traços impressos como tatuagens, irrupções internas que se manifestam parcialmente na superfície externa do corpo, desconstruindo a dicotomia exterior/interior: no corpo, o dentro e o fora se tocam, como a casca e o núcleo (ABRAHAM, 1995), numa relação de constituição mútua e inseparável: assim como o núcleo e a casca de algo que se tornará um fruto entram em sintonia para formar a polpa, que se origina e se desenvolve graças a esse contato, a essa interação, assim também o corpo do ser humano se constitui dessa relação entre o dentro e o fora, o interno e o externo.

Rugas, sujeira, cicatrizes, ferimentos, bichos que convivem com a pele rasgada, fissurada, doenças, provenientes da droga, do álcool, do sofrimento ou da ausência de sofrimento:

3. Termo e ideia extraídos do filme curta-metragem *O zero não é vazio*, produzido por Andrea Menezes e Marcelo Masagão, que gira em torno de cinco peles.

S2 – E5: Teve um amigo vomitando sangue aí [inc.] Tem um amigo meu [inc.] ele tem uma doença que não tem cura [inc.] ele toma uma [inc.] Maldita droga// não tem jeito// [inc.] esse maldito [inc.] entendeu?

S3 – E5: Polícia não tá nem aí// aí um dia que mataram um rapaz aí no banco [inc.] ficou umas duas horas aí/ que nem um porco lá/ cheio de sangue/ depois de duas horas que veio a:// negócio [inc.]// depois pegaram/ depois de duas horas [inc.] o rapaz aí/ por quê? Morador de rua// sem valor

S4 – E5: [...] eu tinha tudo perdi tudo/ ó/ pro cê vê as firma que trabalhei né/ meu currículo não é/ não é fraco não/ por quê?/ a carne é fraca ó/ cachaça [inc.]

Nos três recortes acima, E5 se refere a colegas de rua, corpos consumidos, dilacerados pelas doenças adquiridas pela droga, pelo álcool, pela sujeira, enfatizando a representação dos outros – humanos – sobre eles: verdadeiros animais (“que nem um porco”, “ensanguentado”, “sem valor”). Como Derrida (1999 [2002: 62]) afirma, costuma-se dizer que o animal é privado de linguagem, de sentimentos, de razão; por isso, apenas os humanos têm direito à palavra, ao nome, ao verbo, a resposta, a socorro imediato, a tratamento de qualidade. Ora, se um ser humano não tem direito a nada disse, então, ele é considerado um animal. Observe-se, ainda, que E5 assume, na terceira pessoa (ele, eles), a posição de espectador, de observador, afastando-se de si para olhar o outro, com quem se identifica, porque a injustiça e a dor desses amigos, conhecidos, é a sua dor, o desprezo e o abandono em que se encontram ele sente em seu corpo, em sua própria carne.

Corpo de animal, desprezado, que se arrebenta, jorrando sangue (S2; S3), corpo fraco que não obedece à razão, que se deixa consumir pelo álcool, pela droga (S4); corpo-animal, abandonado, marginalizado, esquecido, escondendo nas dobras da pele enrugada, plissada, a dor

física ou psíquica, a fraqueza, o desânimo. Magro, feio, carne fraca que cede à cachaça, à droga, o corpo curvado, o olhar embaçado, tudo isso expressa a derrota, o desprezo de si e dos outros.

Apenas em (S4), E5 fala de si na primeira pessoa do singular (eu), representando a sua vida como uma perda: perdeu tudo – família, trabalho, casa – de humano transformou-se em animal, afinal,

[...] dois singulares genéricos [...]: o “eu” e “o animal” designam no singular, precedido de um artigo definido, uma generalidade indeterminada. O “eu” é qualquer um, “eu” sou qualquer um, e qualquer um deve poder dizer “eu” para referir-se a si, a sua própria singularidade. Qualquer um que diga “eu” ou se apreenda ou se coloque como “eu” é um vivente animal” (DERRIDA, 1999 [2002: 90]).

Mas, o corpo – animal ou humano – é arquivo, memória de experiências vividas, de acontecimentos trágicos ou felizes, memória de toda uma vida, retida na superfície visível da pele como sintomas, que manifestam fragmentos das marcas internas de cada experiência, boa ou ruim, de cada frustração, trauma, ressentimento ou recalque. Arquivo do inconsciente que se faz carne e sangue, corpo inútil que exhibe traços do sofrimento, corpo que fabrica doenças, somatização de algo invisível que se faz parcialmente visível, arrebentando a epiderme, vazando por dentro e por fora. Arquivo desorganizado, caótico, desacreditado, por se afastar das regras, leis, valores, da ordem, enfim, estabelecida pela sociedade hegemônica, que não perdoa os incautos, os descrentes, os hereges...

Os sem-teto entrevistados não se veem, apenas sentem, observam; veem, com um olhar apocalíptico e tristonho, os outros, os colegas, companheiros de infortúnio, maltratados pelo vício e pelos outros, retrato do outro que é também de si...

3.2 A casa

A casa é outra pele, que nos protege, nos abriga das chuvas, do mau tempo, nos defende da maldade alheia. Casa é lar, é família, companhia, aconchego. É divisão entre o público e o privado,

poupano-nos do convívio com o estranho, com o desconhecido que, inevitavelmente, nos agride e nos incomoda. Limite profundamente marcado em nosso país: o público não tem dono, é de todos e de ninguém; o privado merece respeito, privacidade, resguardo. Esses limites tornam-se, no mundo (pós-)moderno, cada vez mais tênues, opacos, imprecisos, já que, na sociedade do espetáculo (DEBORD, 1967; BAUMAN, 1993), o privado torna-se público, a vida íntima se vê vigiada por numerosos telespectadores (no caso dos “reality shows”), pelas câmeras colocadas nos elevadores, na entrada dos prédios, nos corredores de empresas ou instituições escolares, ou pela internet, que invade nossas casas, nossa vida, nossos hábitos, nossa cultura.

Mas, como esse espaço é representado no imaginário daqueles que se encontram na rua, que não têm casa onde se resguardar? Observemos alguns recortes extraídos dos relatos de participantes da presente pesquisa:

S5 – Só acontece que: eu já tive/ momentos felizes na minha vida dentro da rua/ mas agora mo... é: tá difícil (E2)

S6 – que for: // mas: / tá faltando assim uma oportunidade assim pra gente/ assim: / que mora na rua (E3)

Os que estão na rua fazem do espaço público a sua “casa”, que se vê representada como um recipiente (“dentro” da rua), como um lugar fechado, com paredes e teto, em que o dentro e o fora se unem por um hífen, espaço sem espaço, onde figuram os que não têm teto de concreto, tijolos e telhas; “moram” (S5) na rua, no espaço aberto, aparentemente sem limites, que se restringe à rua X, calçada Y, ou calçada simplesmente, rua simplesmente, protegidos pelo sol, pela lua, pelo céu e por uma coberta de tecido envelhecido, de lã ou de algodão, doados pela “generosidade” de alguns, ou, ainda, por jornais, caixas de papelão, que catam do lixo ou dos supermercados, desdobradas em colchão. O quarto se constrói imaginariamente sob uma árvore, sob um toldo ou um

coberto, sobre ou sob uma ponte, um viaduto, como afirma S6, que preza a privacidade: na hora de dormir quer ficar só. Senão, vejamos:

E3 confessa que dorme “escondidinho”, diminutivo que reduz o corpo, encolhendo-o e nele se encolhendo; hábito que traz do tempo em que tinha casa, família, quarto para morar... – privacidade que deseja manter, para não ser invadido, guardando para si e em si, na memória, um passado que não mais existe, uma etapa da vida que não volta mais... Mas, ainda quer ter a ilusão de que pode ficar só, longe do olhar de outros, do perigo e da maldade alheia, no centro da cidade de Campinas, encolhido na lateral de uma ponte por onde passam pedestres e carros, passantes como ele, que percorre um caminho sem retorno até a sua morada final.

Iniciando o recorte com o verbo na primeira pessoa do singular, E3 passa para o pronome indefinido “a gente”, pronome que engloba os colegas de rua, finalizando novamente com a primeira pessoa do singular (“prefiro / durmo escondidinho”). A correção que E3 faz em sua fala, de “prefiro” para “durmo”, aponta para a ausência de opção, a não ser a de ficar ao lado dos colegas ou deles se afastar, no espaço público que deseja tornar privado.

Do mesmo modo, E6 (S7) considera um “constrangimento” ser visto enquanto dorme; por isso, só fica deitado, dormindo, enquanto está escuro, para não ser visto, não ser invadido pelo olhar de desconhecidos a caminho do trabalho nem ser incomodado pela polícia, de quem nutre certo medo, compartilhado pelos colegas.

S7 – E6: eu durmo cedo pra acordar cedo pra evitar que as pessoa me veja ali dormindo / entendeu?

P: entendi/ As pessoas que o senhor fala são as pessoas que passam na rua?

E6: as pessoas que passam pro trabalho/ né?

P: entendi não só os outros moradores de rua?

E6: não/ não só os outros moradores de rua. Inclusive tem alguns aí que é acordado pela polícia.

P: ah:

E6: acordado pela polícia // tá na hora oito hora né meu / eu geralmente acordo quinze pra seis no máximo seis hora eu tô de pé entendeu que é pra evitá que as pessoas vejam né / eu não quero passar por esse tipo de constrangimento
P: entendi
E6: aí eu levanto cedo né? Eu vou lá escovo meus dente

A busca pela conservação de parte do passado, que delimitava o espaço privado do público parece se manifestar no caso de E6, no hábito de escovar os dentes, como se, de fato, vivesse em casa, na “sua” casa: vai “lá” (no banheiro, no bar mais próximo, no abrigo?), lugar que não é dele nem de ninguém, no fato de observar a que horas os colegas acordam, como são acordados pela polícia, cuja fala se encontra em estilo indireto livre, que não quer que atrapalhem a passagem daqueles que vão trabalhar.

Nômades (E6: “[...] hoje eu durmo aqui/ hoje eu durmo ali/ então graças a deus to dormindo seguramente”), passageiros em permanente travessia, fugindo da miséria, da polícia, dos vizinhos que o perseguem por um crime cometido, os entrevistados, chamados moradores de rua, atravessaram estados, cidades, rodovias para chegar a São Paulo, na esperança de encontrar o que não tinham no lugar onde moravam – casa, emprego, liberdade... Em vão... Na verdade, “[nós já] não esquento com nada / tanto faz viver/ como morrer/ como tá aqui/ como tá ali // aí eu tento me levantar/ mas não tem jeito” (E4).

3.3 O eu e o outro

O outro, que é, ao mesmo tempo, responsável pela identidade ou ipseidade (DERRIDA, 1999 [2002]) do eu, que faz imaginariamente Um consigo mesmo, marca, de forma indelével, a vida daqueles que estão na rua, dos chamados sem teto. Pelos relatos analisados, é possível vislumbrar ao menos três tipos de

“outro”: a) o outro amigo, colega, com quem divide o espaço da rua; b) o outro família – filhos, esposa, irmãos, mãe – e c) o outro transeunte, com domicílio fixo, que desvia o olhar para não ver ou para evitar o sentimento de culpa que acomete a todos, a uns mais do que a outros, mas que, pouco a pouco, se amortece naturalizando as discrepâncias sociais, responsáveis pela injustiça, pela violência e pela organização de uma sociedade paralela. Aqueles que não conseguem viver nem mesmo nessa sociedade, fora da lei e da ordem do discurso hegemônico, habitam as calçadas das ruas, as praças públicas, as pontes, os viadutos, sem temer o que lhes possa acontecer: afinal, como os animais, não têm nada a perder, a não ser a própria vida, que nada vale.

S8 – E1: [...] quando você tem esse despertar e ainda dá uma retomada/ cê dá uma retomada mas seu crédito já num é: já não é igual porque: você já: você já se queimou né: cê fala não o cara um usuÁrio então/ a: todas essas pessoas que te conheceram diretamente como usuário de: de algum determinado tipo de droga principalmente da química/ então eles já ficam com um pé atrás eles eles te dão: né/ te dão assim uma oportunidade mas ficam com o pé atrás ó mas toma cuidado porque ele já foi usuÁrio/ então é: ao mesmo tempo você acaba sendo se sentindo rejeitado porque você já tem uma visão do que é então o seu crédito já num é igual e você tá sempre se auto justificando né/ até: você chegar ao ponto de: de i as percas são tão grandes são tão grandes que quando você vai se ver você: ce tá largado assim: [*inc.*] trabalho se você não tá trabalhando cê já num tá cooperando dentro: numa casa pra quem tem os pais ou: pra quem mora sozinho já num tá tendo aquela condição financeira de se manter: e aí acaba se saindo acaba tendo um convívio com: contato com moradores EM situação de rua né

Uma vez mais, observa-se a tentativa de afastamento do enunciador – E1 – com relação ao que enuncia, fazendo uso do pronome de tratamento “você” (ou “cê”), que inclui o interlocutor, o próprio enunciador e/ou os colegas, apontando para o fato de que a história narrada poderia se aplicar a qualquer um: 1) você percebe que está errado, deixa a droga e tenta retomar a vida do passado; 2) os outros sabem o que aconteceu e não acreditam mais em você; 3) essas pessoas não dão uma oportunidade ou se dão “ficam com um pé atrás”, desconfiados; 4) você se sente rejeitado, sem apoio; 5) não tem trabalho nem dinheiro para ajudar a família ou para se manter; 6) não há outra alternativa: vai para a rua.

Em S8, cruzam-se os três tipos de outro: o colega, a família e o outro da sociedade hegemônica. O colega, com quem se identifica, é, na verdade, o próprio participante; a família, que não aceita sua presença sem que traga dinheiro para ajudar no sustento da casa; o outro da sociedade hegemônica, que desconfia de sua regeneração, ou melhor, de sua trans-formação, de sua nova vida (*re*=novamente; *genere*= gerar, nascer) e, assim, não transmite confiança, todos argumentos para sustentar a justificativa da vida na rua.

É interessante apontar para o uso freqüente, nos relatos – que se caracterizam por uma seqüência lógica de “fatos” – do chamado discurso indireto livre, que provoca o efeito de sentido de verdade inquestionável: afinal, o outro fala, diz o que pensa. Apesar desse efeito de verdade, o suspense (trabalho / você não está trabalhando), o uso de adjetivos que enfatizam a intensidade (“as percas são tão grandes tão grandes”), a fala dos outros não marcada por aspas, as hesitações, as reformulações, as repetições apontam para um gesto de interpretação, que é sempre subjetivo, sempre memória e sempre esquecimento, sempre história (verdade) e sempre ficção (invenção).

Vejamos como se pronuncia E3 com relação à vida na rua:

S9 – E3: infelizmente / a vida na rua/ não é fácil // a gente vê
assim/ que os cara fala / ó as vagabundaiada // nós
num é vagabundo // tem un:s que até:/ pode até/ ser

vagabundo / fia // mas tens UNS / falta uma oportuni-
DAde / pra eles mostrarem o talento / deles

Novamente, faz-se presente o discurso da vítima: pelo discurso indireto livre, a voz do outro se faz presente no dizer de E3 (“ó as vagabundaiada”), para agredir a ele e aos colegas, o que faz com que tome a defesa dos chamados moradores de rua, inseridos no seu dizer através dos pronomes “a gente”, “nóis” e “eles” (“uns”). Aceita a possibilidade de alguns serem vagabundos, mas não todos. Como os demais, E3 aproveita a ocasião para reivindicar mais compreensão e apoio, enfatizando as qualidades mal-aproveitadas dos que se encontram na rua e expressando o seu desejo de uma vida melhor, que subjaz ao enunciado opinativo “infelizmente, a vida na rua não é fácil”.

A vida na rua não é fácil por causa daqueles que os rejeitam, mas há também aqueles que se apiedam e tentam ajudar, como afirma E5, em S10.

S10 – E5: ah:/ tem uns povo que tem dó

P: aham

E5: coitadinho/ mas tem outros que passa aí ó/ vaga-
bundo aí/ bêbado/ vai trabalhar vagabundo/ acho que
pelo menos é assim/ porque o pessoal não sabe o pro-
blema que a pessoa tem né?/ sentimento/[...] Eu acho
que// pessoal [*inc.*]/ maltrata/ vai trabalhar vagabundo
[*inc.*]/ não tem documento/ tá desempregado/ [*inc.*] a
família/ não tem dinheiro pra ir pra:/ pra/ lá pra lá nor-
deste/ Pernambuco // [...] Mas a maioria num [*inc.*] a
maioria [*inc.*] mas tem alguns que são bom

P: é?

E5: mas a maioria não gosta/ eles acham que morador
de rua são vagabundo// [*inc.*] morador de rua [*inc.*]
tem sentimento no coração né/ longe da família/ não
tem [*inc.*] alguém rouba os documentos entrega lá/ na

bebida se joga/ dá problema de cabeça/ é atropelado/
entendeu?// eu acho que:/ a maioria/ [inc.] não gosta/
poucos/ é poucos que apóia// A maioria não gosta/ não
gosta/ eu vejo hein// eu vejo/ são maltratado/ mas são
maltratado// entendeu?// [inc.] maltratado// princi-
palmente pela Guarda Municipal// esse aí// bate [inc.]
bate mesmo/ [inc.]/ cê viu?

E5 continua mantendo a dicotomia: os outros que o(s) julgam, a cada momento, sem conhecer a realidade, se dividem em dois grupos: um que “tem pena” deles e os ajuda, outro – a maioria – os maltrata, não gosta deles. Por um lado, piedade (“coitadinho”), por outro, desprezo, porque sua “animalidade” incomoda, perturba a ordem e o bem-estar. Mas, E5 argumenta a favor de si e de seus colegas; afinal, eles perderam os documentos, entregaram-se ao vício, foram atropelados, não têm dinheiro para retornar ao nordeste, uma série de razões que desresponsabiliza o sujeito de assumir seu desejo que se traduz em seu próprio destino. Tal atitude leva a crer que os entrevistados se colocam no lugar da vítima: acometidos pelo álcool e pela droga sentem-se discriminados e maltratados... e, de fato, o são.

E5 dá testemunho do que presencia (“eu vejo hein// eu vejo”), o que significa, de acordo com Derrida (1998: 47), que se dou testemunho é porque:

sou o único a ter visto essa coisa única, a ter ouvido, ou a ter sido posto em presença disto ou daquilo, num instante determinado, indivisível; e é preciso crer em mim porque é preciso crer em mim – essa é a diferença, essencial ao testemunho, entre a crença e a prova – é preciso acreditar em mim porque eu sou insubstituível. Lá, onde eu testemu-
nho, eu sou único e insubstituível.

Mas, ao mesmo tempo em que o testemunho é insubstituível, porque depende do gesto de interpretação que é sempre singular, ele deve ser exemplar e, nessa medida, ele é também substituível, pois só é verdadeiro o que é dito se outra pessoa, no mesmo lugar e no mesmo momento, puder repetir o que acaba de ser dito; caso contrário, não se

trata de um testemunho. Essa é a aporia do testemunho. Ora, no caso de E5 (S3 e S10), mas não só deles, o testemunho diz respeito aos maus tratos, às ofensas, à falta de respeito daqueles que desconhecem a razão de estarem na rua e, sobretudo, da polícia que bate, bate... e não socorre (S3).

Afinal, E5 e, muito provavelmente, outros, se considera(m) “profissionais da rua”, conhecedores de todas as manhas, de todos os percalços, de todas as injustiças. Resultados da análise apontam, portanto, para uma imagem deteriorada de si em função do não lugar que lhes é atribuído na sociedade hegemônica da qual saíram, mas que continuam a desejar. Quando essas representações não são claramente verbalizadas, é possível percebê-las nas formas linguísticas, como, por exemplo, no uso recorrente da terceira pessoa aliada a tempos do passado ou de formas de indeterminação para falar de si (“fizeram”, “aí, você diz...”), nos silêncios, hesitações, formas que indiciam certo afastamento de uma realidade, que ou não faz mais parte de sua vida, porque ficou no passado, ou trata-se do presente, que querem esconder, apagar, esquecer...

Algumas paragens provisórias

Vindos de outras paragens, os participantes de nossa pesquisa são duplamente discriminados: por serem migrantes sem dinheiro e sem instrução e por estarem na rua, mendigando, em vez de trabalhar, como se dependesse apenas deles arrumar trabalho; embriagando-se com álcool ou drogas químicas, único modo, talvez, de se anestesiarem do sofrimento das lembranças, das experiências duras que não tiveram forças para superar ou do crime que cometeram e que agora os leva a fugirem daqueles que querem se vingar, e, sobretudo, sujando o cenário limpo de uma cidade e de uma sociedade que zela pela ordem e por seu bem-estar.

Mas, é preciso dizer que nem todos são analfabetos; alguns são instruídos: dos sete, dois chegaram ao ensino técnico e até ao curso universitário. Um deles afirma que o vício das drogas foi adquirido na

universidade, com colegas, o que o fez degradingolar ladeira abaixo e acabar na rua, abandonado por todos, inclusive pela família.

Derrotados, carregam o discurso da vítima – precisam de apoio, de ajuda, para mudarem a própria vida. Mas, o que se pode fazer? Olhar para eles e ter pena (coitadinhos!), olhar para eles e xingá-los (vagabundos, bêbados, malandros) ou não olhar para eles, desviar os olhos para não vermos a miséria e a injustiça? Seja lá qual for a atitude tanto da parte do pobre em situação de rua, quanto da parte da sociedade hegemônica, as posições-sujeito assumidas conduzem à paralisação, a deixar tudo como está para ver como é que fica, a não se assumir nenhuma responsabilidade, jogando para o outro a solução e a culpa: os chamados moradores de rua esperam a ajuda dos outros para solucionar seus problemas; os outros acusam os sem-teto de vagabundos, jogando unicamente para eles a culpa de sua situação de miséria e marginalidade, ou lançam para o governo a responsabilidade de buscar soluções.

Por estas e outras razões, esses pobres encontram-se em trânsito permanente, nômades de si mesmos, vagando (ou vagabundeando) pela cidade ou pelas cidades, percorrendo estradas, ruas, abrigos sem se fixarem em lugar algum; fugindo do outro ou de si mesmos? Talvez de ambos. Bauman (1993 [2003: 274]) coloca o vagabundo ou o errante como nômade pós-moderno, ao qual é possível relacionar nossos participantes de pesquisa, errantes, sem destino certo, vagabundos porque vagam dia e noite, in-fames porque não têm fama, porque estão fora da lei, levando uma vida des-regrada e in-certa:

[...] O vagabundo é peregrino sem destino; nômade sem itinerário. O vagabundo viaja através de espaço não estruturado; como caminhante no deserto, que só sabe das trilhas enquanto marcadas por suas próprias pegadas, e apagadas de novo pelo soprar do vento logo depois que passa, o vagabundo estrutura o lugar que acontece ocupar no momento, apenas para de novo dismantelar a estrutura ao partir. Cada sucessivo espaçamento é local e temporário – é episódico.

Ainda que recusem, os entrevistados assumem a identidade de vagabundos, tomando para si as representações alheias e expressando

seu pesar pela atitude dos outros que pouco caso fazem deles, anulando-se por se sentirem anulados, apesar de, paradoxalmente, preservarem esperanças de, um dia, retornarem à sociedade da qual saíram e da qual guardam, no arquivo da memória e do corpo, boas e más lembranças, vestígios de um passado que permanecem como sintomas em suas várias peles: no corpo, na casa, no outro.

Recebido em: janeiro de 2010

Aprovado em abril de 2010

mjcoracini@uol.com.br

Referências Bibliográficas

ABRAHAM, N., TOROK, M. *A Casca e o Núcleo*. Trad.: Maria José Coracini. São Paulo: Editora Escuta, [1987], 1995, 439 p.

ARENDT, H. (1984) « Le déclin de l'Etat-nation et la fin des Droits de l'Homme »; « Les nations de 'minorités' et les peuples sans Etat ». In ARENDT, Hanna: *Les origines du totalitarisme. L'impérialisme*. Trad. fr. Martine Leiris. Paris: Ed. Fayard-Seuil, coll. "Points".

BAUMAN, Z. *Ética Pós-moderna*. Trad.: João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, [1993], 2003, 2ª ed.

CORACINI, M. J. *A Celebração do outro*. Campinas: Editora Mercado de Letras, 2007.

DEBORD, G. *A Sociedade do Espetáculo*. São Paulo: Contraponto, [1967], 1997.

DERRIDA, J. *Cosmopolites de tous les pays, encore un effort !* Paris : Galilée, 1997.

DERRIDA, J. *O animal que logo sou*. Trad.: Fábio Landa. São Paulo: Editora da UNESP, [1999], 2002.

DERRIDA, J. *Demeure*. Paris: Editions Galilée, 1998.

DERRIDA, J. *Le Monolinguisme de l'autre*. Paris: Galilée, 2006.

FOUCAULT, M. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. In: *Ditos e Escritos V: ética, sexualidade e política*. Rio de Janeiro: Editora Forense, [1979], 2004, p. 264-287.

FOUCAULT, M. A evolução da noção de indivíduo perigoso na psiquiatria legal do século XIX. In: *Ditos e Escritos V: ética, sexualidade e política*. Rio de Janeiro: Editora Forense, [1979], 2004, p. 1-25.

KANNO, M. *Blog: José Alberto, morador de rua na Praça da Sé*. <http://stoa.usp.br/mauriciokanno/weblog/4387.html>, 2005.

LACAN, J. *Seminário 11 – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Trad.: M.D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, [1964] 1998.

MELMAN, C. *O Homem sem gravidade – gozar a todo preço*. Rio de Janeiro: Forense, 2001.

MENEZES, A., MASAGÃO, M. *O zero não é vazio*, filme curta-metragem. São Paulo: Secretaria da Cultura, 2001.